

[FIÇÃO][FIÇÃO][FIÇÃO]

Demônio que trocou as labaredas do inferno pelo fogo invisível da escrita

No seu livro mais autobiográfico, Lúcio Cardoso faz da aflição sua matéria

Dias perdidos, de Lúcio Cardoso. Editora Civilização Brasileira, 406 páginas. R\$ 60,90

José Castello

Certa vez, em uma das muitas entrevistas que escreveu para a revista Manchete, Clarice Lispector, sem escapar do automatismo das palavras, fez ao escritor e amigo Lúcio Cardoso a pergunta inevitável: "O que é ser escritor?". Não menos previsível, Lúcio respondeu, ainda assim, com uma imagem forte: "É um modo de agonizar com os olhos abertos".

Lúcio Cardoso (1913-1968) viveu prisioneiro do mito de que os escritores, porque escrevem, sofrem. Ou sofrem, sempre sofrem, e por isso escrevem, o que é a mesma coisa. Um pouco desta agonia, que a seu ver seria um elemento fundador da literatura, volta às mãos dos leitores com a nova edição de "Dias perdidos". É seu quarto romance, de 1943, recebido pela crítica, na época, com infernal indiferença.

O romance antecede em 16 anos o aparecimento de seu livro mais importante, "A crônica da casa assassinada". E sucede outro muito celebrado, e mais radical, "A luz no subsolo" (1936), elogiado pelo severo Mário de Andrade. Já é, ainda que de modo sutil, uma preparação para os célebres "Diários" que viria a escrever, cinco volumes de confissões lançados entre 1949 e 1962. Ano, 62, em que o escritor sofreu o derrame cerebral que o impediu, para sempre, de escrever, transportando-o da literatura para o terreno mais etéreo da pintura.

Um jorro de lembranças mal disfarçadas

Sempre movido por conflitos interiores (resultado, em parte, do difícil manejo do homoerotismo na época), Lúcio exercita em "Dias perdidos", em jorro de lembranças mal disfarçadas, toda a sua aflição. O livro não deixa de expressar a idéia, que ele defendeu com vigor e que ilustram seus sentimentos de culpa e remorso incuráveis, segundo a qual "a tragédia é o estado natural do homem". Em seu caso, sem poder digerir os conflitos em que se agitava, ele se via (as palavras também são suas) como "um solitário demônio exilado". Um demônio que tivesse trocado as labaredas do inferno pelo fogo invisível da escrita.



LÚCIO CARDOSO: "A tragédia é o estado natural do homem", dizia

"Dias perdidos" é, ainda, o mais autobiográfico dos romances do autor. Uma exposição de feridas íntimas que, em leitores menos sensíveis, pode provocar grande irritação. Mas, graças ao fundo autobiográfico, traz uma admirável doçura, e esboços de esperança, exceções na sua conturbada obra. Livro que reafirma, ainda e mais uma vez, o elo de Lúcio com o chamado "grupo espiritualista" da primeira metade do século XX brasileiro, que reuniu escritores como Cornélio Penna, Octavio de Faria, Augusto Frederico Schmidt e Vinícius de Moraes.

É um romance linear, de formato clássico, sem as pretensões renovadoras dos modernistas. Um livro, portanto, convencional, escrito com a intenção de relatar — e fixar —, ainda que de modo indireto, uma história pessoal, difícil história de decadência, indecisão e dor. Romance que reedita o antigo e copioso drama edipiano: o pai, Jaques, retorna à casa e enche o filho, Sílvio, de ciúmes. E que pode ser resumido em uma frase na página 350: "Há uma época em que as desilusões, o cansaço da luta e uma íntima convicção

de que afinal a vida não vale tão grandes esforços convertem-se, para determinados espíritos, numa nuvem que aumenta aos poucos até obscurecer todo o horizonte". Eis os dias perdidos de que fala o título.

As referências secretas à vida real não são tão secretas. Por isso, o romance foi lido com desconfiança. Autor dos mais refinados ensaios sobre Lúcio Cardoso, o crítico Mario Carelli afirmou: "Parece nos um romance pesado, recheado de clichês, de um lirismo que se mostra sempre convencional e portador de uma visão de mundo por vezes muito convencional". É verdade, mas é verdade também que, sob a narrativa simples há um calor crepitante, que se propagaria na obra de autores como Clarice Lispector e, mais recentemente, João Gilberto Noll.

Romance banal, e brutal, "Dias perdidos" expressa uma ruptura interior, um momento em que Lúcio escreve para acertar contas consigo; e não uma ruptura literária, para acertar contas com a história da literatura. Suspensão abrupta que não o conduziu a uma libertação, mas à permanência e à exa-

cerbação de sentimentos doentios, que se congelaram em desespero. Lúcio Cardoso foi leitor abnegado, e maravilhado, do dinamarquês Soren Kierkegaard, autor do "Tratado do desespero". A aflição era sua matéria.

Posição dolorosa, de demônio exilado do inferno e lançado na agitação ainda mais agoniada do humano, e que o levou a praticar a literatura como purgação. Limpeza pelas palavras, que nunca conseguiu concluir, porque a palavra (com suas sujeiras e imperfeições) nunca se esgota. Daí muitos o terem comparado, com alguma razão, a Dostoiévski, o mais atormentado dos russos. Se nem com as palavras conseguia resolver seus conflitos, Lúcio, na vida pessoal, acreditava que a solução (de sua sexualidade divergente) seria "saber calar-se", isto é, reprimir-se. Origem de seu sofrimento, temor que a literatura agrada, mas para o qual o homem pagou preço altamente injusto.

Existem nesgas de esperança no romance

Como também observou Mario Carelli, o livro faz uma opção pelo realismo. Mas enganaram-se os que o incluíram no rol dos regionalistas. Ainda mais, se contraposto ao realismo urbano de hoje, seu realismo se mostra mais denso, já que se funda nos tremores do Eu, nas insatisfações subjetivas e no abismo da paixão. É verdade, existem nesgas de esperança em "Dias perdidos" — confiança que nem sempre, ou quase nunca, aparecem nos romances do autor. Mas é uma esperança sem objeto, uma fé que em nada se converte. "Voltando para casa, os pensamentos de Sílvio eram turvos. Sentia-se dono de uma torção enorme, mas sem utilidade", ele narra. "Aos seus olhos, o mundo era um deserto".

Os personagens não estão tão perdidos assim. Jaques, o pai, ainda que sem destino fixo, se entrega ao ímpeto da aventura. Eles não deixam de observar um resto de beleza no mundo adverso — exatamente como os caminhantes no deserto que, apesar do calor e da sede, têm a chance de desfrutar do esplendor do sol sobre o branco. Para nada lhes serve aquele sol, até porque ele os queima, os dilacera. Mas, num relance, lhes diz que a vida persiste. ■

JOSÉ CASTELLO é jornalista e escritor

Dicção da loucura em choque com a lucidez

Apesar dos exercícios de linguagem, Evandro Affonso Ferreira não explora tensão da trama

Catrâmbias!, de Evandro Affonso Ferreira. Editora 34, 78 páginas. R\$ 25

Flávio Izhaki

Artesão da língua portuguesa, Evandro Affonso Ferreira escreve com o desembaraço de quem tem um dicionário na cabeça. Pinça termos esquecidos, brinca com sílabas que parecem não se combinar e constrói tramas calcadas primordialmente nas palavras. Desde o título, são elas as protagonistas em "Catrâmbias!". Justo seria dizer que a paixão pelo léxico é o pilar dos cinco livros deste autor mineiro de 60 anos.

Em "Catrâmbias!" — que nada mais é do que uma interjeição de espanto —, Ferreira conta a história de uma septuagenária que, supostamente, interna-se por vontade própria num manicômio. Seu fluxo de consciência é embriagado por uma lucidez extrema. Somente pelo filtro dela conhecemos outras sombras desse manicômio atemporal, como a companheira de quarto que sofre pela filha suicida ou a doutorazinha-candorosa-de-olhos-amendoados, interlocutora favorita da septuagenária.

A epígrafe do romance — "Se quisesse, enlouquecia", do poeta português Herberto Helder —, dá o tom do espírito dubio da personagem, que alterna momentos de inteligência com desvarios sensitivos mastigando jaboticabas-madeleirianas no jardim do manicômio. Sob pretexto de entrevistas médicas, a velha destila aforismos geniais, dignos de um espírito dicionarista de termos comuns. O humor aflora sem pedir licença à loucura: "O que é o político?"

— Ser-segundas-intenções mestre nela arte de obter contrapartidas.

E o escritor?

— Ser-carência-diária-deles-tapinhas-nas-costas."

Ferreira tem grande mérito de ter no estudo, na recuperação e no esmero com o uso da palavra seu projeto literário, claramente definido, que norteia toda sua obra, mas peca, em "Catrâmbias!", ao não de-

envolver a contento a trama da personagem que oscila entre a doida comum e pessoa lúcida. O autor não explora esta tensão em seu argumento e perde com isso. Este fato fica claro ao se comparar seu livro com "O diário de um louco", de Gogol, e "A lua vem da Ásia", de Campos Carvalho, clássicos que fazem desta tensão seu ponto de interesse.

Em "Catrâmbias!", assim como em toda sua obra, o foco de Ferreira é a linguagem. A narradora apresenta uma dicção confusa, entrecortada, onomatopéica e musical, o que poderia indicar sinais de esquizofrenia. Porém, o léxico da septuagenária é parecido com o de outros personagens de seus livros, o que leva a crer que mais que sinal de loucura, o discurso da mulher é reflexo da voz literária de Ferreira.

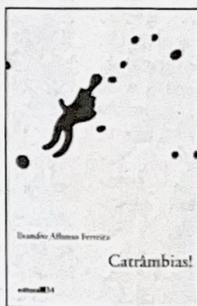
Mesmo levando em conta as peculiaridades da dicção so-

nora do autor e da própria personagem louca, não é possível ter descendência com as longas e recorrentes partes praticamente ininteligíveis dos delírios da narradora, como a que se segue:

"doutor-científico-enfatuado há desde sempre fazendo dum argueiro um cavaleiro eh-eh veja befundo champrudo fogolô ali a-hã ele mesmo hã médico aquele falou que sua mãe-zuruó aqui vai ficar ainda muito tempo nesta cacimba anômala eh-eh doutor-científico enfatuado diz a flux: ca-cim-ba a-nô-ma-la eh-eh; prefiro dizer alto-bom-som Stultifera Navis a-hã concordo ai horto de estrabuleguices."

Como as ações da septuagenária pouco revelam da verdadeira história por trás da suposta loucura — seria o marido assassinado pelo genro o motivo da internação? — o que chama a atenção são os delírios filosófico-linguísticos e referências eruditas, a maioria soando estranha na boca da septuagenária filha de bicheiro, já que nada indica um lastro para aquela sabedoria acumulada — a não ser que se assumam que todo louco, catrâmbias, tem alma de gênio. ■

FLÁVIO IZHAKI é escritor



LANÇAMENTOS



Rádio guerrilha — rock e resistência em Belgrado, de Matthew Collin. Tradução de Marcelo Orozco. Editora Barracuda, 336 páginas • R\$ 44

• O autor, jornalista e escritor inglês, conta a história da rádio sérvia

B92, formada por um grupo de jovens que se opunham ao regime de Slobodan Milosevic. Munidos de um transmissor e alguns discos, eles enfrentaram duas guerras, duras sanções econômicas, violência da polícia, gângsteres e neonazistas. Até que Milosevic fosse derrotado em outubro de 2000, a B92 foi fechada e reaberta quatro vezes. Collin conheceu os fundadores da rádio, que foram acusados pelo governo de traição, espionagem e terrorismo. Por um bom tempo, durante a década de 1990, as transmissões da B92 eram o único espaço da mídia iugoslava a salvo da propaganda governista. Enquanto o turbo folk, híbrido de música pop com canções folclóricas sérvias, emergia como trilha sonora do nacionalismo, o rock, o techno e o rap eram a voz da resistência na B92.



A casa do santo & o santo da casa, de Rodolfo Witzig Gutilla. Landy editora, 224 páginas • R\$ 15

• O autor analisa, a partir da história da devoção a São Judas Tadeu, santo das causas perdidas, as relações entre o catolicismo popular e o institucional. Sua pesquisa ajuda na compreensão do sentido mais profundo que as devoções populares têm entre nós e do papel que os fiéis desempenham na dinâmica da fé.

O feiticeiro da Vila, de Edir Meirelles. Universitária Editora, 179 páginas. R\$ 24

• Este romance, segundo o escritor Antonio Olinto, "é do começo ao fim uma narrativa em favor do reconhecimento da importância da população negra na formação da cultura brasileira. O livro "percorre os caminhos da presença negra no Brasil, a força de sua cultura, a beleza de sua música", completa Olinto.



Profetas da Mangueira, de Aydano André Motta. Fotos de Gianne Carvalho, Karin Rüger e Angela Siemen. Editora Booklook, 100 páginas • R\$ 85,50

• O livro conta a história recente da escola de samba, com foco na condução do Carnaval e nos diversos projetos sociais desenvolvidos na comunidade. Fala, ainda, do movimento Muda Mangueira, que, diz a introdução, removeu "o improviso e a desorganização" na verde-e-rosa.

O Maranhão e o Piauí no espaço colonial, de Milton Torres. Editora Geia, 268 páginas • R\$ 30

• Resultado da descoberta, na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, do manuscrito "Memória político-econômica sobre o Maranhão", do bacharel Joaquim José Sabino de Rezende Faria e Silva. O autor interpreta os temas abordados por Sabino, sobre como bem administrar o Maranhão e o Piauí.



Profetas da chuva, de Karla Martins (org.). Fotografias de Tiago Santana. Editora Tempo d'Imagens, 226 páginas • R\$ 40

• Reunião de artigos sobre os profetas da natureza do sertão central do Ceará, habitantes da região que prevêem mudanças no tempo com base num saber tradicional. "Ler os sinais da natureza é ler, com o corpo, inscrições que apelam a um sentido que será compartilhado na cultura", diz a organizadora.

Melhor teatro, de Maria Adelaide Amaral. Global editora, 336 páginas • R\$ 38

• Parte de uma coleção que tem livros com textos de Domingos Oliveira, Plínio Marcos e Gianfrancesco Guarnieri, reúne quatro peças da autora: "A resistência", "Bodas de papel", "De braços abertos" e "Querida mamãe". Maria Adelaide destaca em seus textos o indivíduo e o que ele tem de mais frágil, diz Sábato Magaldi.

